

Experiência que vem de Xilembene

11/2/82

por Manuel Tomé

Uma autocombinada da marca «Fortschrit», fabricada na RDA, custa aproximadamente 3.000 contos. Com uma manutenção regular e uma utilização correcta, o seu tempo médio de duração é de 12 anos. Actualmente o CAIL tem cerca de 300 autocombinadas, a maioria das quais daquela marca, distribuídas por quatro filiais. O desgaste de cada máquina daquele tipo é, assim, sensivelmente igual a 250 contos anuais, quando devidamente utilizada e mantida.

As máquinas, todavia, mesmo quando não são utilizadas ou se encontram subutilizadas, por qualquer motivo, não duram sempre, quer dizer também sofrem depreciação. Esta é tanto maior quanto menor for o cuidado de manutenção e maiores os efeitos da má utilização. Nestas condições como é claro, qualquer tipo de máquina fica sujeita a um envelhecimento precoce e acaba por não render tanto quanto poderia dar.

Em Xilembene, até há 10 dias atrás, autocombinadas e outro material, que custaram divisas, produzidas pelo esforço e sacrifício do homem moçambicano, estavam a ser vítimas do sol e da chuva, da lama e da ferrugem. Algumas das autocombinadas tinham ainda palha de arroz da campanha passada.

O responsável, o operador, o técnico e até mesmo o trabalhador do campo já quase coexistiam insensíveis com essa situação. Tinha passado a ser quase algo de normal, porque a

intensidade da consciência sobre determinada questão diminui ou aumenta, de acordo com o hábito. Quanto mais se convive com a sujidade, menos sensibilidade se tem para com a higiene; quanto menos se cuida das máquinas, maior é a insensibilidade para com a sua manutenção. E, depois, por carambola, vem a reprodução (ampliada) dessa atitude de indiferença, de insensibilidade. Quem opera com a máquina? Quem deve cuidar dela? O homem.

Há três dias, perguntel a um operador de máquinas em Xilembene, quanto custava uma autocombinada e qual o seu tempo de duração. «Não sei», foi a resposta. Como operador, ele participa num processo fundamentalmente económico.

Assim, quer-nos parecer que não se devem limitar os seus conhecimentos à perícia ou eficiência com que ele deve manobrar a sua máquina. Se é facto que a economia é matéria de especialistas, não deixa de ser ver-

dade que ela é assunto de todo o povo, de cada produtor. Por isso não é demais que se muna os operadores de dados (económicos ou não) que podem constituir factores para a agudização da sua consciência perante o nosso património, perante o próprio trabalho.

O parque de Xilembene apresenta hoje um outro aspecto, resultado de um esforço aturado de reorganização que, naturalmente, tem de ser ainda consolidado. Um novo aspecto consequência da visita presidencial. Os técnicos preveem agora elaborar um programa de manutenção planificada, introduzir novos métodos de trabalho e criar estruturas capazes de orientar o sector de mecanização.

Se o esforço dos trabalhadores daquele complexo é digno de nota, também é justa a pergunta: «Quanta energia se teria poupado, se a organização e a necessidade de manutenção tivessem sido devidamente interligadas e assumidas?»

Esta é a experiência de Xilembene. Mas parques de máquinas há muitos no nosso País, assim como muitas são as fábricas e oficinas com o mais variado tipo de equipamento, exigindo manutenção.

As nossas máquinas não podem «morrer» precocemente, não podem ser «assassinadas». Cada cidadão, cada trabalhador, cada operário tem de assumir algo de muito importante, entre as conquistas do nosso povo: a Ofensiva Política e Organizacional. Ela não pode ser como o remoinho que fustiga e passa.

Como método, como prática, deve ter um carácter permanente. Formativo e educativo, por um lado, e de rejeição das ideias e comportamentos errados, por outro. Quando se faz a ofensiva, não é apenas a organização e a eficiência que se alcançam. Faz-se a transformação, participa-se na criação do homem novo, porque o homem é agente e também objecto dessa transformação.

Ele é o factor decisivo em todos os processos. Portanto, a ele caberá a manutenção e correcta utilização do equipamento do seu sector de trabalho a ele caberá agir para produzir mais, gastando menos. Agir para que as nossas máquinas durem mais.